

AMPLIANDO A ACESSIBILIDADE À ARTE, DANÇA E CULTURA EM ESCOLAS PÚBLICAS MINEIRAS¹

Alba Pedreira Vieira²

Esta pesquisa-ação crítico-colaborativa focou na estética em dança, fruição e usufruição. 496 alunos de escolas públicas vivenciaram ações diversificadas: oficinas teórico-práticas de gêneros diversificados, fruição de vídeos, apresentações e espetáculos, e processos de improvisação e composição coreográfica. Resultados de questionários aplicados antes e após o trabalho de campo revelaram uma ampliação qualitativa do conhecimento em arte, dança e cultura. Os resultados sugerem que professores de arte devem considerar a inclusão da educação estética na sua práxis, pois ela desvela mundos até então ignorados ou pouco conhecidos, formas de expressão ‘estranhas’ e ‘extraordinárias’. O conhecimento e a compreensão da diversidade na dança podem levar a capacidade de aceitação das diferenças também para a vida cotidiana.

Palavras-chave: Arte, dança, educação, cultura

Neste texto, compartilhamos uma pesquisa-ação crítico-colaborativa que focou na educação para as artes, particularmente a estética em dança, por meio de ações e alternativas metodológicas diversificadas que exploraram a fruição e usufruição. Temos observado, ao longo de nossas experiências com a educação para a dança em escolas públicas de Viçosa/MG, a carência dos alunos em relação ao conhecimento crítico e sensível da diversidade desta linguagem. A lacuna neste tipo de saber artístico gera certo distanciamento dos sujeitos tanto em relação à fruição de espetáculos e apresentações de dança (fato que observamos principalmente quando se trata de mostras de dança contemporânea, quando o público é, geralmente, relativamente pequeno; ouvimos com frequência frases como: “Não entendo esta dança, por isso não gosto!”) e à usufruição (neste caso, as vozes costumam associar o “Não gosto de dança” com o “Não sei dançar”).

Pensando na necessidade de diferentes mecanismos que possam apoiar, ainda mais, a valorização e difusão cultural que vêm sendo gradativamente desenvolvidas no país, professoras³ do Curso de Graduação em Dança da UFV desenvolveram um projeto

¹ Artigo produzido a partir da pesquisa financiada pelo CNPq e FAPEMIG, “Educação para as Artes: Análise do impacto de projetos de interface entre pesquisa e extensão que focam na sensibilização estética ou no apreciar da dança pelo público” (2008-2010), sob coordenação da primeira autora. O projeto contou ainda com o apoio das respectivas Secretarias Municipais de Educação nas cidades em que foi desenvolvido (Viçosa e Paula Cândido/MG).

² Líder do “Grupo de Pesquisa Transdisciplinar em Dança” da Universidade Federal de Viçosa/UFV, Doutora em Dança pela Temple University (EUA). Professora do Curso de Graduação em Dança da UFV. Email: <apvieira@ufv.br>.

³ Além da autora, participaram deste projeto professoras Maristela Moura Silva Lima, Evanize Romarco, Carla Ávila, Solange Caldeira, além de vários bolsistas e estudantes voluntários de diversos cursos da UFV cujos nomes suprimos devido ao número máximo de páginas deste artigo. Agradecimento especial à Kátia Marcos (Bolsista PIBIC/FAPEMIG), pelo enorme auxílio no trabalho de campo.

de pesquisa em interface com a extensão e o ensino que buscou a educação de alunos para a dança e, assim, possibilitar-lhes apreciar diversos gêneros em dança, criar e dançar. A diversidade de ações proposta pelo “Educação para as Artes” conheceu e analisou o saber apreciativo dos participantes, antes e após oficinas, observações e/ou apresentações de dança, e estimulou a compreensão crítica e sensível dos participantes.

O número de alunos de escolas públicas participantes deste projeto foi de **496**. Eles tiveram uma ou duas oficinas teórico-práticas semanais de gêneros diversificados de dança (50 minutos cada), e fruição de vídeos, apresentações e espetáculos, de grupos e/ou artistas locais e nacionais, ao vivo de diversos estilos na escola, em teatros e no Curso de Dança da UFV. Eles também observaram aulas práticas de alunos do Curso de Dança da UFV.

Alunos das escolas de ensino médio assistindo Festival de Dança no Teatro



Alunos assistindo apresentação de Flamenco na escola Raul de Leoni - 04/06/2008 – com Bailarina Estela Villegas



Alunos assistindo apresentação de Dança Contemporânea escola Alice Loureiro 23/06/2008 – com bailarinos do Curso de Dança da UFV



Observação de Aulas de Projetos de Extensao e do Curso de Graduação em Dança da UFV - Aula de Ballet



Aula sendo observada por alunos da Escola Estadual Alice Loureiro – 19/05/2008

Vários participantes se envolveram em processos criativos de improvisação e composição coreográfica. Esta participação resultou na produção e apresentação destes alunos como bailarinos na própria escola, em quatro espetáculos nos teatros da UFV (três realizados pelo projeto e um a convite de outro projeto municipal) e um em praça pública.

Alunos da Escola Municipal Nossa Senhora de Fátima durante ensaio



Alunos da Escola Municipal Ministro Edmundo Lins (5º ano) durante apresentação no teatro



As oficinas focaram não apenas no ensino de um gênero, mas abordaram vocabulários que constituem a dança como por exemplo, dança contemporânea, flamenco, ballet, dança do ventre, dança de salão, hip hop, improvisação, sapateado. Igualmente diversificadas foram as apresentações que, além de abranger os vocabulários

abordados nas oficinas, também incluíram a fruição de instalação de dança e dança-teatro. Procurávamos historiar e contextualizar a introdução destes gêneros, discutindo aspectos que permeiam as relações entre dança e sociedade: influência da mídia na cultura, questões de gênero e étnicas, diferentes possibilidades de acesso à arte e outros. As apresentações eram geralmente seguidas por discussões com o público. Além de fruir o produto (apresentações), os alunos assistiram também ensaios e palestras sobre cenário, iluminação, figurino e outros elementos próprios de uma produção artística.

O que os educandos tem a dizer?

Em cada instituição, foram aplicados dois questionários, inicial e final (respectivamente, antes e após o desenvolvimento do trabalho de campo)⁴ para detectar, principalmente, mudanças no conhecimento dos participantes sobre fruição em dança como fruto das nossas ações.

Os resultados quantitativos apontaram melhoria do conhecimento artístico dos participantes: 73% consideraram que as atividades do projeto mudaram sua visão do que é dança e 65% acharam que as atividades do projeto mudaram sua visão do que é uma apresentação de dança.

A análise qualitativa permitiu criar categorias apresentadas a seguir.

A Dança na visão dos participantes

Exemplos de vozes dos participantes sobre sua visão de dança após terem participado das oficinas e demais atividades da pesquisa:

“diversão, um jeito de mostrar o que podemos fazer”
“é você se desenvolver um pouco e descobrir coisas novas”
“movimentos, coisas diferentes, coisas novas e interessantes”
“é um divertimento e alegria e tudo o que a gente aprende um dia podemos ser professores de algumas dessas coisas”
“dança é a alegria do corpo; tem dança que representam momentos legais da vida”

As falas denotam ampliação da visão de dança como aprendizagem. A percepção e experimentação da linguagem artística como formadora de novos conhecimentos, sentidos e relações insinuam a importância da educação estética que atua justamente no sentido de descortinar estes novos horizontes, podendo ampliar a

⁴ Como cuidados éticos da pesquisa, preservamos a identidade dos participantes. Assim, após as falas apresentadas neste texto, não há qualquer identificação sobre sua autoria. Também obtivemos um termo de autorização para realização e divulgação do estudo, o qual foi assinado por cada diretor/a das instituições envolvidas. Outro termos foi assinado pelos responsáveis dos participantes para coletar, analisar e publicar seus dados e imagens.

visão de mundo. A frase “dança é a alegria do corpo; tem dança que representam momentos legais da vida”, faz menção a uma das possíveis relações a serem articuladas, no caso, com as experiências boas. A dança ressignifica tais momentos. Ao trabalhar a fruição concomitante com a usufruição, o aluno é capaz de expressar no corpo, não somente via oral, o que permaneceria no mundo das idéias. Acreditamos e defendemos a capacidade do sujeito em interagir com a arte e, também, da arte interagir com os sujeitos, com seu cotidiano, inovando suas práticas e dando sentido à sua história.

Ao apreciarem e usufruírem a dança como arte, os alunos perceberam outras potencialidades, até então desconhecidas, tais como novos saberes e oportunidades. As respostas são bastante significativas, pois sugerem abertura, descoberta de capacidades inerentes e possibilidade de profissionalização em dança. É importante ressaltar que estas idéias foram escritas a punho por educandos de escolas públicas, cuja maioria desconhecia a diversidade do universo artístico em dança antes deste projeto ser desenvolvido. O interessante é que a nova perspectiva não exclui a visão de dança como divertimento e alegria (que era muito presente no questionário inicial); ela apenas não mais se restringe a este aspecto.

Aula de Dança ministrada pela bailarina Alexa Costa de Freitas Alexandre, aluna do Curso de Dança UFV, em 17/04/2009 para alunos da Escola Municipal Pedro Gomide Filho



Educação Estética: conhecimento da dança como linguagem artística

Nesta categoria exploramos o potencial da educação estética em difundir a dança como linguagem artística. Apresentamos então algumas das frases que ilustram este tema:

Questionário inicial:

“não apenas uma dança, mas sim um esporte”
“dança para mim é esporte”
“uma atividade”

Questionário final:

“é a arte que a gente descobre”
“é arte, é diferente”

A comparação entre dados iniciais e finais mostra que desapareceram as referências à dança como esporte, sugerindo que a educação estética estabelece bem a diferença da dança como arte e atividade física, pois explora, com intensidade, o universo artístico. Especialmente a frase “é a arte que a gente descobre” revela a descoberta da dança como arte, bem como da descoberta da arte em si. Também pode se referir à capacidade da dança em nos estimular a descobrir sobre nós mesmos, aptidões, gostos e preferências, aspirações ou limitações que muitas vezes não temos plena consciência. A dança como arte, por lidar tão intimamente com o corpo sensível tem a autodescoberta como valor inestimável, o que a diferencia das demais linguagens, uma vez que é exatamente na negligência do corpo que está um dos maiores desconhecimentos sobre nós mesmos.

Borges (2004) ressalta a distinção entre educação estética e educação artística: a educação estética está para os processos reflexivos assim com a educação artística está para os de criação, o domínio da matéria. Esta capacidade da educação estética em estimular a criticidade é o que a torna construtora de pontes dialógicas capazes de ampliar a visão de mundo e de si mesmo.

Este projeto testemunha a importância da educação estética ser desenvolvida nas escolas brasileiras. Em 1993, Ferraz e Fusari já revelavam que a inclusão da educação estética nos cursos de arte não é um fenômeno atual, embora seja pouco trabalhada no Brasil, em cujas escolas são observadas atividades onde estão subentendidas algumas noções de apreciação artística. Ressaltavam ainda a importância de se pensar os cursos de arte por vias também de uma educação estética, a qual deve se articular com o fazer, partindo do contexto da percepção, uso, conhecimento, apreciação e crítica artística. Assim, um curso ou disciplina de arte que não trabalhe com a educação estética é incompleto, detentor e mantenedor de uma visão estreita em relação a esta área, pois minimiza o refinamento do senso crítico e a formação dos significados e relações preconizados por estudiosos.

A educação estética que alia criticidade com criatividade, sensibilidade e imaginação possibilita ao sujeito ampliar suas poéticas e seus sentidos, além de oferecer

condições para se refletir e discriminar aspectos diferenciadores da própria arte. O aluno se apropria não somente de uma ou duas técnicas ou vocabulários do fazer artístico, mas sim, da própria produção e reflexão acerca da arte. Assim, é imenso o potencial e a responsabilidade que nós, educadores de dança, temos em mãos. Ao desvelarmos nuances estéticas e artísticas desta linguagem, mediamos nossos alunos na construção de conhecimento que assegura diferenças entre a dança como pura atividade física da atividade artística. Como estamos respondendo a este desafio?

Apresentação de Dança do Ventre pela bailarina Katiuscia Paiva Silva – aluna do Curso de Dança UFV – na Escola Municipal Anita Chequer em 03/04/09



Oficina de Dança do Ventre na Escola Municipal Anita Chequer em 03/04/09



A Educação para a fruição instiga novos olhares

As primeiras falas, do questionário inicial, indicam o que os participantes consideravam ser mais importante quando se aprecia dança:

Importâncias mais frequentes:

- “as técnicas”*
- “os passos”*
- “o rebolado”*
- “o passo da dança”*
- “quando eles dançam muito”*

As próximas vozes, dados do questionário final, revelam o surgimento de importâncias singulares, ou seja, novas perspectivas em relação à arte e à dança, as quais foram construídas a partir da experiência com a educação estética:

Importância dada ao diferente:

- “quando a dança é diferente”*
- “se dançam diferente e roupas diferentes”*
- “tudo diferente; quando alguém está dançando de um jeito e o outro de outra maneira”*

Importância dada ao tipo de dança:

- “o tipo de dança que eles estão dançando e como eles dançam”*
- “o tipo de dança que eles fazem”; “o jeito de dançar”*

Importância dada à expressão facial:

- “rosto das pessoas”*
- “o rosto e a dança”*

”

Importância dada à aprendizagem do observar:

“aprender”

“o jeito de dançar e observar o tipo de dança”

“aprender a prestar atenção”

“observar e depois aprender”

No questionário final chamou-nos atenção o fato de várias respostas, apesar de muito diversificadas, apontarem para o ‘diferencial’. No questionário inicial não encontramos referências à importância dada pelos participantes em observar o diferente. Este resultado pode ser fruto da diversidade de danças assistidas e experimentadas, incluindo gêneros novos (flamenco e dança contemporânea, por exemplo) em relação ao que estavam acostumados (hip hop, forró, funk). Parece que o contato com o diferente estimula sua busca. Seria o inusitado capaz de mudar valores e conceitos arraigados? É possível, por exemplo, que tal resultado indique que se diminuiu a importância dada às habilidades físicas ou ao virtuosismo e agora há um novo elemento, uma importância à experimentação, ao sair do usual, do que todos fazem igual?

Por meio da fruição acompanhada de usufruição, este observar/ experimentar constrói pontes dialógicas entre a realidade do aluno e universos até então desconhecidos, e assim, muitas vezes considerados ‘esquisitos’. Para Peixoto (2003), ao se deparar com o novo, o sujeito amplia a consciência de si mesmo e simultaneamente, através dessas pontes de conversação que são estabelecidas, torna-se autoobservador. Alcançando essa nova perspectiva de si, ele apreende também uma nova visão de mundo.

Estas reflexões sugerem que nós, professores de dança, devemos considerar a inclusão da educação estética na nossa práxis, pois ela desvela estes mundos até então ignorados ou pouco conhecidos, formas de expressão ‘estranhas’ e ‘extraordinárias’. O conhecimento e a compreensão da diversidade na dança podem levar a capacidade de aceitação das diferenças também para a vida cotidiana. Acreditamos que, no diálogo que estabelecem com a arte, os sujeitos repensam suas práticas usuais e dão novo sentido à sua história. Logo, a aprendizagem em arte faz ‘duetos’ com aspectos da vida.

Para nós, o olhar que se lança ao diferente cria uma tensão, um desequilíbrio que pode corresponder a uma aprendizagem estética em que há transbordamento de novos significados. Nesse sentido, o surgimento da preocupação em relação à “se dançam diferente e roupas diferentes”, “quando a dança é diferente” e “tudo diferente, quando está dançando de um jeito e o outro de outra maneira”, propõe mudança de valores.

Além do “diferente”, podemos observar o surgimento de uma preocupação com o ‘tipo’ de dança e como são dançadas, provavelmente fruto da influência das oficinas do projeto que exploraram, dentre outros aspectos, diferentes vocabulários da dança. Os alunos foram instigados a discriminar, contextualizar, problematizar estas propostas variadas. Durante o trabalho de campo, enfatizamos como a distinção de estilos está relacionada às diferentes formas de expressão invariavelmente ligadas a diferentes contextos culturais. Neste sentido, Ferraz e Fusari (1993) explicam que a estética em arte diz respeito, dentre outros aspectos, à compreensão sensível e cognitiva do objeto artístico inserido em um determinado tempo/espaço sociocultural: “A diversidade de atitudes estéticas do homem frente à realidade é tão multifacetária quanto são variados os fatores culturais e sociais, responsáveis pela formalização dos sentimentos estéticos e práticas artísticas” (p.52). Portanto, a educação estética fomenta a percepção das diferentes atitudes enquanto observador de si próprio e do outro como espectador. Esta percepção das singularidades também se estende aos diversos contextos culturais inerentes ao objeto artístico e dele indissociáveis. Desta forma, “o tipo de dança que eles fazem” e “o jeito de dançar” se incluem no campo da percepção de contextos culturais e julgamentos estéticos, tanto do apreciador quanto do que se aprecia. Em relação aos julgamentos em arte, Ferraz e Fusari (1993) afirmam que, “(...) em muitos casos, os julgamentos artísticos envolvem julgamentos estéticos, por exemplo: o julgamento de qualidades estéticas nos movimentos dos dançarinos como parte integrante da apresentação artística de uma dança.” (p.52)

A educação estética, ao facilitar a consciência e refinamento de julgamentos, promove a lapidação de um olhar crítico sobre os próprios juízos de gosto. O contato com a diversidade estética e cultural flexibiliza juízos individuais. Assim, o “tipo de dança” passa a incluir um tipo de cultura, que independente do gosto do apreciador se expressa no “jeito” que se dança.

Também está claro, nas frases que ilustram esta categoria, o aparecimento da observação do rosto das pessoas que dançam. Este é um dado singular, afinal, por que observar o rosto? Os passos mirabolantes nem sempre podem ser plenamente visualizados caso se foque na expressão facial de quem dança. O que pode ser visto? O rosto transparece sentimentos. Será este um novo ponto de atenção dos participantes? Será que passaram a dar importância também para a expressão dos sentimentos dos bailarinos, ao invés de somente procurar por seus movimentos virtuosos, acrobáticos?

Destacamos ainda o surgimento da associação entre observar e aprender, aprender e observar – este foi, definitivamente, saber construído pelos alunos que experimentaram a educação estética. O estímulo à importância da observação é benéfico não somente para a aprendizagem das artes, bem como para todos os setores da existência. O observar consciente e instigador é um dos fundamentos do saber. As vozes dos participantes insinuam que as ações do projeto incentivaram seu olhar minucioso. Sobre este assunto, afirma Castanho (2005): “A apreciação artística, isto é, o ensinar a ver, não são mais encarados na escola como um desvirginamento da expressão infantil, mas como um meio de iniciar o conhecimento, a fruição e a comunicação com o mundo” (p. 03). A frase “aprender a prestar atenção” é singular nesse sentido, pois sugere que devemos improvisar e arriscar mais nas nossas práticas do olhar. Foi o que buscamos desenvolver, pois estimulamos os alunos a buscar e identificar aspectos e nuances da obra que antes passariam despercebidos, além de questionar, problematizar, criticar, e contextualizar o que viam. Estes elementos são possíveis a partir do “prestar atenção” que está relacionado ao estar presente, consciente, ‘ligado’, em sintonia consigo, com a obra e com os bailarinos. A aprendizagem então, está tanto na educação do próprio olhar e sensibilidade apreciativa, quanto na aprendizagem da dança em si e das suas relações com o contexto.

Os novos olhares apresentados ampliam a compreensão sobre as possíveis transformações, passíveis de serem alcançadas, por meio da educação estética. Ressaltamos assim, sua importância. Precisamos intensificar práticas artístico-pedagógicas que provoquem tais mudanças e pesquisas que analisem estes processos.

Alunos da Escola Municipal Anita Chequer durante ensaio geral



Cena de espetáculo em que houve participação de alunos



Fechando, por hora, as cortinas

Atualmente, este projeto tem continuidade. Porém, algumas modificações estão sendo implementadas. Nesta nova fase, por exemplo, desenvolvemos nossas ações em menos escolas e investimos numa maior duração em cada uma delas. Afinal, deve-se considerar que a educação estética crítica e sensível demanda longo tempo – o que foi um limitador deste estudo. Apesar de todos os desafios enfrentados, percebemos que o trabalho permitiu aos envolvidos um enriquecimento cultural e ao mesmo tempo uma valorização do patrimônio cultural imaterial e histórico.

A degustação lenta ou reflexão paulatina da jornada e dos resultados nos forneceu subsídios para conhecer melhor o contexto e o saber artístico dos alunos. Ela nos possibilitou construir uma proposta para a educação apreciativa em dança que privilegiou a criatividade, a imaginação, o saber sensível e crítico, assim como a valorização tanto do processo quanto do produto. Outro aspecto fundamental é o respeito pela diversidade artística, cultural e corporal. Fomos orientadas pelo potencial da dança, como arte, em influenciar a educação de forma pontual e geral, como nos lembra Barbosa (2005): “a arte leva os indivíduos a estabelecer um comportamento mental que os levam a comparar coisas, a passar do estado das idéias para o da comunicação, a formular conceitos e a descobrir como comunica-los.” Segundo a

autora, “todo esse processo faz com que o aluno seja capaz de ler e analisar o mundo em que vive, e dar respostas mais inventivas” (s/p).

Condordamos com Bannon e Sanderson (2000) que, educadores em dança, ao pensar e planejar experiências de ensino e aprendizagem, devem considerar como elemento de suma importância o desenvolvimento do sujeito através de uma ampliação da sua consciência estética. Assim, podemos oportunizar possibilidades para a ampliação do processo de raciocínio juntamente com aumento na cadeia perceptual, corporal e sensível em um ambiente propício à exploração. Ao investir nestes dois processos, cognitivo e emocional, ampliamos as possibilidades discentes de processar informações de uma forma equilibrada, concomitante e aprender em um sentido mais amplo, considerando a razão mental, o saber a partir do corpo, a estética e a ética (DAMÁSIO & DAMÁSIO, 2006).

Ao desenvolver coletivamente a pedagogia ético-estética com os alunos envolvidos neste estudo, compreendemos melhor a relação destes sujeitos com os seres e objetos artísticos – o que muitos chamam de sensibilidade estética – na contemporaneidade. Esperamos que esta pesquisa mineira estimule projetos semelhantes que foquem o usufruir e fruir artístico, de acordo com os contextos educacionais e comunitários em que eles são desenvolvidos. Mais do que respostas, acreditamos que estas jornadas podem levantar questões e reflexões sobre a estética, tema complexo e denso, motivo que o distancia de professores que se propõe a trabalhar com a dança.

O trabalho de campo diversificado pôde fortalecer nos alunos seus anseios, ampliá-los, lapidá-los e dialogá-los com outras linguagens artísticas e com a sociedade, contribuindo para a educação da usufruição de elementos básicos de vários gêneros de dança e da fruição de apresentações variadas e de qualidade. Nesse sentido, afirma Barbosa (2005), “O bom ensino de arte precisa associar o ‘ver’ com o ‘fazer’, e contextualizar tanto a leitura quanto a prática” (s/p). Assim, sugerimos que você crie sua proposta educacional de forma inovadora e duradoura de fruição e usufruição para ampliar a sensibilização estética e o apreciar artístico em dança.

Sob o prisma da sensibilização, ação e reflexão, o observar outros processos artísticos coletivos e experimentar construir os seus próprios e refletir sobre eles, estimulou pontes entre a realidade do sujeito e universos até então incógnitos ou mesmo ‘superordinários’ (BOND & STINSON, 2000/2001). Peixoto (2003) discute este aspecto afirmando que o participante dos caminhos criativos, ao se deparar com o novo,

amplia a consciência de si mesmo e simultaneamente, através dos elos que são construídos, torna-se observador do mundo que o cerca e de si. Alcançando esta nova perspectiva interior e exterior, que é indissociável, mediamos nossos alunos em ‘improvisações’ que lhes permitem apreender também uma nova visão pessoal e social.

Esta jornada investigativa clareou nossa compreensão do fruir dança como um diálogo. Nos corpos de quem faz, cria, assiste, ouve, sente, cheira e às vezes até toca a obra e ‘outro’ ser artístico, está aberta a possibilidade de construir saberes, acompanhar, ressignificar e articular discursos próprios, estabelecidos por diferentes entendimentos, vivências, histórias de vida e valores ao se relacionar e compor, coletivamente, o contexto da dança, dos corpos dançantes. O expectador que interage com a arte como sujeito ativo adquire autonomia; assim, torna-se também artista, pois cria sentidos.

Referências

BANNON, F.; SANDERSON, P. Experience Every Moment: aesthetically significant dance education. *Research in Dance Education v. 1*, n.1, p. 9-26, 2000.

BARBOSA, A. M. *Entrevista à agência Repórter Social*. Setembro de 2005.

BOND, K., STINSON, S. “I feel like I’m going to take off”: Young people’s experiences of the superordinary in dance. *Dance Research Journal*,; 32 (2), 52–87, Winter 2000/2001.

CASTANHO, M. E. L. M. Função educacional da arte. *ETD - Educação Temática Digital* Vol. 6, N° 2, 2005.

DAMASIO, A., DAMASIO, H. Brain, Art and Education. *Unesco World Conference on Arts and Education: Building creative capacities for the 21st century*. Lisboa, 6-9 de março de 2006.

FERRAZ, M. H. C. T.; FUSARI, M. F. R. *Metodologia do ensino da arte*. São Paulo: Cortez, 1993.

MOSTAÇO, E. A Arte Da Borboleta: Do casulo ao vôo. *Fênix – Revista de História e Estudos Culturais*, Outubro/ Novembro/ Dezembro de 2006 Vol. 3, Ano III, nº 4.

PEIXOTO, Maria Inês Hamann. *Arte e grande público: a distância a ser extinta*. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.